ARBCA

ASSOCIATION OF REFORMED BAPTIST CHURCHES OF AMERICA

A Doutrina da Trindade

Na CFB1689 2:3

A Fundação Da Fundação: A Importância Pastoral Da Doutrina Da Trindade Na CFB1689 2:3

Por Jason Walter • Carta Circular ARBCA 2014 • CFB1689

A DOUTRINA DA TRINDADE NA CFB1689 2:3

A Fundação Da Fundação: A Importância Pastoral Da Doutrina Da Trindade Na CFB1689 2:3

JASON WALTER

Traduzido do original em Inglês

The Foundation of the Foundation: The Pastoral Importance of the Doctrine of the Trinity in CFB 2:3 • Circular Letter 2014 — ARBCA

By Jason Walter

Via: ARBCA.com

(Association of Reformed Baptist Churches of America)

Tradução e Capa por William Teixeira

Revisão por Camila Almeida

1ª Edição: Julho de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a graciosa permissão do Comitê de Publicações ARBCA, representado pela pessoa de Gary Marble, sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

A Fundação da Fundação:

A Importância Pastoral da Doutrina da Trindade na CFB de 1689, Capítulo 2, Artigo 3

Por Jason Walter

> “Não houve nenhum mistério mais glorioso trazido à luz em e por Jesus Cristo do que o da Santíssima Trindade... E esta revelação é feita a nós, não para que nossa mente seja preenchida com noções a seu respeito, mas para que possamos saber corretamente como colocar nossa confiança nEle, como obedecê-lO e viver para Ele, como obter e exercer comunhão com Ele, até que cheguemos a nos deleitar nEle”. — John Owen, Obras, 3:158.

Introdução

Para o bem ou para o mal, ao longo das últimas duas décadas Cristãos Evangélicos parecem ter renovado o seu interesse pela doutrina da Trindade e por seu significado, não só dentro da teologia Cristã, mas talvez ainda mais dentro da vida Cristã. As palavras de ordem da recente discussão Trinitariana são “relevante” e “prático”, e os participantes desta discussão descrevem como seu público se surpreende ao descobrir a doutrina caracterizada como tal[1]. De todas as pessoas, nós, como Batistas Confessionais Reformados não devemos nos surpreender ao saber o que há de concretas ramificações práticas em relação à crença na Santíssima Trindade: afinal de contas, nós confessamos explicitamente que acreditamos que esta doutrina “é o fundamento de toda a nossa comunhão com Deus, e confortável dependência dEle” (CFB 2:3). Mas será mesmo que a linguagem da nossa própria Confissão, neste ponto não nos surpreende? Nós confessamos isso. Não acreditamos nisso? Será mesmo que o entendemos? Com a verdadeira Igreja ao longo dos séculos, sabemos que a Trindade é de grande e séria importância doutrinal. Mas nós apreciamos sua importância pastoral da mesma maneira?

A tarefa desta carta é sugerir uma resposta a duas perguntas: “À luz da CFB 2:3, [1] por que a doutrina da Trindade é o fundamento de toda a nossa comunhão com Deus, e confortável dependência dEle, e [2] como podemos incentivar isso entre o nosso povo?”. Para isso, vamos começar com um exame do que a Confissão indica e, em seguida, passaremos a sugerir algumas aplicações práticas pelas quais o pastor pode anunciar essa verdade

---

[1] Ainda que a maior parte da “relevância” da Trindade nesses escritos se concentre em suas supostas implicações sociológicas, principalmente em relação a papéis de gênero, por exemplo, Bruce A. Ware, Father, Son, and Holy Spirit: Relationships, Roles, and Relevance [Pai, Filho e Espírito Santo: Relacionamentos, Papéis e Relevância] (Wheaton, IL: Crossway Books, 2005).

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

para nutrir a vida de sua congregação.

Porque “esta doutrina da Trindade é o fundamento de toda a nossa comunhão com Deus, e confortável dependência dEle”?

Estas belas frases que completam o Capítulo 2 da nossa Confissão não são encontradas na Confissão de Fé de Westminster, o documento que foi usado como fonte primária da CFB. Elas foram tomadas da Declaração de Savoy, a Confissão das igrejas Independentes ou Congregacionais da Inglaterra publicada em 1658, e os editores da nossa Confissão escolheram retê-las. Dos seis membros da comissão nomeada para elaborar a Declaração de Savoy, apenas um não tinha também sido membro da Assembleia de Westminster: o Príncipe de Puritanos, John Owen. Owen é certamente a mão responsável pela redação das frases em questão, uma suposição disto é também confirmada pelo fato de que, apenas um ano antes da convocação da Assembleia de Savoy, Owen havia publicado uma importante obra intitulada *Of Communion with God the Father, Son, and Holy Ghost, Each Person Distinctly, in Love, Grace, and Consolation; or, The Saint’s Fellowship with the Father, Son, and Holy Ghost Unfolded* [Da Comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, Cada Pessoa Distintamente, em Amor, Graça e Consolação; ou, A Comunhão do Santo com o Pai, o Filho e o Espírito Santo Desvelada]. Se quisermos entender estas palavras em nossa Confissão, devemos entender algo sobre Owen e sobre esta obra.

“A Comunhão Com Deus”

O que Owen e os nossos antepassados Batistas entendiam pela frase “comunhão com Deus”? Hoje, como J. I. Packer observa com razão, esta é “uma frase confusa que muitas vezes não significa mais do que sentir-se perto de Deus, embora seja concebida, por outro lado, não ter conteúdo específico”[2]. Embora a comunhão do santo com Deus tenha sido um tema dominante de quase todos os autores Puritanos de sua época, Owen é particularmente útil aqui: o primeiro capítulo de seu livro é dedicado a definir essas palavras com cuidado e biblicamente. Longe da moderna “imprecisão” ou noção mística, a compreensão de Owen de “comunhão com Deus” é muito mais concreta e muito mais extensa. “Comunhão” é a tradução preferida de Owen do rico (e também muitas vezes incompreendido) termo bíblico koinonia e seus cognatos, mais frequentemente traduzido por “intimidade” nas traduções para o Português. A ideia básica é a de ter algo em comum, de partilhar ou de participação mútua. Nas próprias palavras de Owen: “A nossa comunhão, com Deus

[2] J. I. Packer: “A Puritan Perspective: Trinitarian Godliness according to John Owen” [Uma Perspectiva Puritana: A Piedade Trinitariana segundo John Owen]. In God the Holy Trinity: Reflections on Christian Faith and Practice [Deus e a Santíssima Trindade: Reflexões sobre a Fé e Prática Cristãs], ed. Timothy George (Grand Rapids: Baker Academic, 2006), 101.

consiste, então, *em Sua comunicação de Si mesmo a nós, e do nosso retornar daquilo que Ele* requer e aceita"[3]. Ou, é "a comunicação mútua em dar e receber, de uma forma mui sagrada e espiritual, que há entre Deus e os santos, enquanto eles andam juntos em um pacto de paz..."[4]. A nossa comunhão com Deus, em outras palavras, consiste em tudo o que Deus faz por e dá-nos na salvação e em tudo o que retornamos a Deus em resposta. É uma via de mão dupla: por isso a ideia de comunalidade em tudo. No entanto, a iniciativa e o poder por trás de tudo isso é unicamente de Deus.

Talvez alguns exemplos seriam úteis, e é isso que Owen passa a dar no restante de seu livro. O que nós recebemos de Deus nesta comunhão Owen resume no seu título como "amor, graça e consolação". Cada um desses dons que ele menciona relacionar-se basicamente a uma das Pessoas da Divindade: Amor do Pai, por que ele consiste principalmente no Seu amor em nos eleger; a graça do Filho, uma categoria abrangente que preenche a maior parte do livro, envolvendo tudo o que se relaciona com o fato dEle haver efetuado a nossa redenção; e a consolação ao Espírito por tudo que Ele nos faz ao aplicar a redenção a nós. O que nós retornamos para Deus, então, em resposta a toda as coisas que Ele nos concede são tais como a nossa fé, amor, obediência e adoração. Como pode ser facilmente visto, a comunhão com Deus, de acordo com Owen, é uma categoria bastante abrangente.

"A Confortável Dependência"

O que é, então, significado pela frase adicional na Confissão: "confortável dependência dEle", ou seja, de Deus? Esta frase exata não é encontrada com frequência, se alguma vez, nos escritos de Owen; no entanto, Owen é completamente apaixonado por aquela palavra "confortável". O uso moderno do termo refere-se quase exclusivamente ao que produz conforto físico, mas Owen e outros de seus contemporâneos a usavam com muito mais frequência para aquilo que produzia conforto espiritual. "Confortável dependência de Deus", isto significa dependência de Deus que é espiritualmente reconfortante, que resulta em conforto espiritual. Em outras palavras, esta é a linguagem da segurança, um aspecto da experiência Cristã que recebeu muita atenção dos Puritanos, em geral, e de Owen em particular; e são nesses contextos que ele mais frequentemente emprega esse adjetivo. A descrição comum de Owen para o que hoje mais comumente chamamos de "segurança" foi a frase "confortável persuasão"[5]. Como é evidente, mesmo a partir do título de seu livro, Owen considerou este conforto ou "consolo" como sendo a dádiva especial da Terceira

---

[3] The Works of John Owen [As Obras de John Owen], ed. William H. Goold (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1997) 2:8 (ênfase original).

[4] Ibid., 2:9.

[5] Por exemplo, Ibid., 2:23, 193, 240-43, 252; 3:598, 603-4 ("confortável segurança" e "confortável evidência"); 10:160 (em oposição a "uma perigosa, desconfortável e errônea persuasão"), 186.

Pessoa da Trindade, o Consolador Divino. Como tal, esta segunda frase da nossa passagem na Confissão deve ser entendida não como uma bênção completamente separada da primeira; antes, a nossa "confortável dependência" de Deus deve ser entendida como uma faceta específica da nossa abrangente "comunhão com Deus", uma faceta que Owen e nossos antepassados Batistas determinaram ser merecedora de atenção especial neste contexto.

A Trindade Como "A Fundação"

Então, como é que a doutrina da Trindade é "a fundação" dessas bênçãos? Depois de tudo o que foi dito até agora, essa afirmação parece ainda mais surpreendente do que era à primeira vista. Se a nossa comunhão com Deus verdadeiramente é um conceito amplo, de tal forma que abrange cada uma e todas as bênçãos que Deus confere ao Seu povo na salvação, incluindo particularmente a certeza consoladora de que elas são todas nossas, e consistindo em cada resposta de fé, amor, obediência e adoração de Seu povo em retorno a Deus, se tudo isso é de fato compreendido sob o tema "comunhão com Deus", então, de que forma entenderemos a Trindade como a sua própria fundação? Mais uma vez, os escritos de Owen são instrutivos.

É difícil exagerar no que se refere a quão central e essencial era a crença na Trindade para Owen. Repetidamente ele retorna a ela em suas obras, mesmo quando isso é menos esperado. Parte da razão para essa ênfase foi certamente a sua preocupação de afastar a influência dos Socinianos anti-Trinitarianos de sua época; mas a Trindade para Owen teve um papel muito mais positivo e construtivo em sua teologia, aparecendo em muitos contextos não-polêmicos também[6]. Ele realmente a via como "fundamental".

A real frase "o fundamento de toda a nossa comunhão com Deus" aparece duas vezes no primeiro capítulo de Comunhão com Deus de Owen, mas sua referência imediata não é à Trindade: é ao que nós provavelmente esperamos — ao Evangelho, a obra de Cristo. Seguindo em uma discussão sobre a inimizade natural dos pecadores em direção, distância e falta de comunhão com Deus, Owen conclui:

> Por Jesus Cristo, então, em todas as considerações a respeito de seu ser e plena manifestação, esta distância é removida. Ele nos inaugurou um novo e vivo caminho (abolindo completamente o antigo), "pelo véu, isto é, pela sua carne" (Hebreus 10:20);

---

[6] Esta tese foi desenvolvida muito mais extensivamente e habilmente do que o autor atual poderia possivelmente por Carl R. Trueman, The Claims of Truth: John Owen's Trinitarian Theology [As Reivindicações da Verdade: A Teologia Trinitária de John Owen (Carlisle, Cumbria, Reino Unido: Paternoster, 1998).

Facebook.com/oEstandarteDeCristo | Facebook.com/ConfissaoFeBatista1689

> e “por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito” (Efésios 2:18). “Vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto, porque ele é a nossa paz”, e etc. (vv. 13-14). *Este é o fundamento de toda a nossa comunhão com Deus*, crescente e em liberdade. Sobre este novo alicerce e *fundação*, por este caminho novo e vivo, nós pecadores somos admitidos na comunhão com Deus, e temos amizade com Ele[7].

Owen mais tarde identifica “a base de toda a nossa comunhão com Deus” como “aquela *união* que, em Jesus Cristo, nós temos com Ele”[8]. Assim, parece que, de acordo com Owen, a “fundação” da comunhão com Deus é o Evangelho, a obra de Cristo em nosso favor, reconciliando-nos com Deus, e nossa união com Ele pela fé. Por que é, então, que ele mais tarde fala na Declaração de Savoy sobre a Trindade como sendo o fundamento destas coisas?

Em uma obra publicada ainda em 1658, Owen apela para a doutrina da Trindade, como prova da origem Divina da Escritura e ali apresenta um resumo útil de seu trabalho anterior sobre a comunhão com Deus, tratando claramente sobre a forma como a Trindade é tão fundamental para ele. Ele afirma mais uma vez que a nossa comunhão com Deus consiste em duas partes: o que Deus nos dá e o que nós retornamos a Ele. “Estes dois”, escreve ele, “compreendem toda a inter-relação entre Deus e o homem. Agora, quando a mente do homem é exercitada sobre essas coisas, ele descobre finalmente que elas estão tão envolvidas com a doutrina da Trindade; de modo que sem crer, receber e aceitar a Trindade, é absolutamente impossível que qualquer participação nelas seja obtida ou conservada”. Estas são palavras fortes. O que ele quer dizer com elas? Ele prossegue: “Quanto à primeira [a parte que se refere à nossa comunhão com Deus], ou a comunicação de Deus para nós de uma forma amorosa e bondosa, é totalmente *fundada* sobre e relacionada com esta verdade [Trindade], como a *eterna fonte e execução real* desta”. Pelas palavras “eterna fonte”, Owen prossegue revelando entender isso como a eterna promessa de redenção, ao fazer isso ele pressupõe necessariamente a distinção entre os membros da Trindade, uma vez que é necessária mais de uma parte para fazer um pacto. “Remova, então, a doutrina da Trindade, e... não pode haver propósito da graça do Pai, no Filho — nem pode existir pacto para que colocasse esse propósito em execução. E assim o *fundamento* de todos os frutos do amor e da bondade estariam perdidos para a alma”. O mesmo é verdade quanto à “execução real” dos propósitos salvíficos de Deus expressos no Pacto da Redenção: isso implica e exige a Trindade. Deve haver um Filho para encarnar-Se e realizar a redenção, e deve haver um Espírito para aplicar esta redenção aos eleitos. “Negue a Trindade”, Owen conclui, “e todos os meios de comunicação da graça, com toda a satisfação e justiça de

---

[7] Obras, 2:7 (ênfase adicionada).

[8] Ibid., 2:8 (ênfase original).

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Cristo, caem por terra. Cada til disso fala sobre esta verdade, e aqueles que negam aquela, rejeitam também estes outros”[9]. Não é por acaso que cada pessoa e cada grupo ao longo da História da Igreja que rejeitou a Trindade também rejeitou o verdadeiro Evangelho. A rejeição do Evangelho pressupõe a rejeição da Trindade[10].

O caso é o mesmo também com o outro lado da nossa comunhão com Deus, o nosso retorno a Ele de fé, amor, obediência, adoração, etc. Na explicação da necessidade da Trindade para estes também, Owen simplesmente remete seu leitor de volta ao seu tratado sobre a Comunhão com Deus, com o lembrete de que toda a verdadeira obediência e adoração a Deus têm necessidade de ser direcionada para cada Pessoa da Trindade distintamente, ainda que juntas. Em uma obra anterior, um texto fundamental para Owen tinha sido Efésios 2:18: “Nesse diretório celestial, [em oposição ao mais terreno Diretório para Culto Público?], que nós temos, Efésios 2:18, esse negócio todo é declarado. Nosso acesso na adoração é dito ser ‘ao Pai’ e ‘através de Cristo’, ou de Sua mediação, ‘pelo Espírito’, ou de Sua assistência”[11]. Até mesmo o nosso lado de nossa comunhão com Deus pressupõe e só é possível pelas obras distintas de cada um dos membros da Trindade. “Por isso”, Owen conclui, “a Escritura não fala de qualquer relacionamento entre Deus e nós, senão o que é baseado sobre isto”. Sem a Trindade, “não há qualquer fundamento para a comunicação de amor [para a alma], nem meios de retornar obediência a Deus”[12].

A Trindade é particularmente essencial para aquele singular aspecto da comunhão do santo com Deus que a Confissão destaca: “confortável dependência” de Deus, ou segurança. O que é tão reconfortante sobre a doutrina da Trindade? Owen novamente nos aponta para um vislumbre que nos é concedido sobre o funcionamento intra-Trinitário antes da fundação do mundo: o Pacto de Redenção. O Pacto de Redenção, e o Deus Triuno que o pressupõe, foi fundamental para o pensamento de Owen, tanto doutrinal quanto pastoral; e ele apela para ele uma e outra vez buscando o conforto de seus leitores. Por exemplo, é o conteúdo deste pacto Trinitário que dá a Cristo o direito de permanecer como cabeça e substituto para os eleitos, a fim de satisfazer a ira de Deus que lhes era contrária[13]. Este pacto concede à redenção que há em Cristo a sua particular e consequente eficiência, como Owen

_____

[9] Ibid., 16:340-41 (ênfase adicionada). Nossa Confissão usa linguagem semelhante para conceber este mesmo ponto: o Pacto de graça em si “é fundada naquela transação da eterna Aliança que houve entre o Pai e o Filho para a redenção dos eleitos” (CFB 7:3).

[10] Cf. Trueman, 24: “...para Owen, tanto o plano Divino de salvação e a obra de Cristo em realizar essa salvação repousam, em última instância sobre um completo Trinitarianismo. A Trindade não tem o status de ser algo extra opcional em sua teologia, mas representa o quadro ontológico necessário de toda a sua soteriologia”.

[11] Works [Obras], 2:269.

[12] Ibid., 16:342.

[13] Ibid., 12:496-508.

argumenta no início de sua famosa defesa da redenção particular, *The Death of Death* [A Morte da Morte][14]. Owen também argumenta que o Pacto da Redenção está por trás da doutrina da Perseverança dos Santos[15]. Como essas verdades "confortáveis" tornam-se ainda mais reconfortantes pela doutrina da Trindade? Talvez o Pregador tenha resumido melhor: "o cordão de três dobras não se quebra tão depressa" (Eclesiastes 4:12). Se cada membro da Santíssima Trindade pactuou para efetuar a redenção dos eleitos de Deus, eles não têm como falhar. O Deus Triuno propôs sua redenção, e cada Pessoa Divina executará esse propósito perfeitamente. Nas palavras de nosso Salvador, referentes a essa Aliança Eterna: "Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia" (João 6:37-39). Aqui, Cristo dá uma confortável segurança ao Seu povo, e Ele baseia essa segurança na inviolabilidade do Pacto da Redenção e nos propósitos imutáveis do Deus Triuno que fez este pacto.

Como a doutrina da Trindade é "o fundamento de toda a nossa comunhão com Deus, e confortável dependência dEle"? Owen ajuda-nos a perceber que essas bênçãos são fundadas sobre o Evangelho, e que o Evangelho por sua vez, fundamenta-se na Trindade. A doutrina da Trindade é, portanto, a fundação da fundação. Sem o Deus Triuno, não poderia haver nenhuma promessa de redenção, e tampouco poderia haver execução do plano da redenção. Não haveria Pai para administrar redenção, não haveria Filho para realizar a redenção, e não haveria Espírito para aplicar a redenção. E sem redenção, não podemos ter comunhão com Deus, nem confortável dependência dEle. Tudo acerca da salvação que Deus concede a nós e tudo o que retornamos em gratidão a Deus por nossa salvação é intrinsecamente Trinitário, pressupõe a Trindade como sua fundação, e não poderia existir ou acontecer sem a Trindade. Questionar se um Deus não-Triuno não poderia ter determinado ou realizado um tal resgate seria se envolver no tipo de especulação infrutífera que Owen despreza e Paulo condena. O Deus salvador que nos é revelado na Escritura é o Deus Uno e Trino; a salvação revelada nas Escrituras é uma salvação Trinitária; e não podemos comungar com Deus de nenhuma outra maneira exceto como Pai, Filho e Espírito Santo, não há como ir ao Pai por outro caminho senão através do Seu Filho e pelo Seu Espírito.

"Como podemos incentivar isso entre o nosso povo?"

---

[14] Ibid., 10:157-168. Ele argumenta que a doutrina da redenção geral é de fato "desconfortável" na medida em que não oferece qualquer garantia de que a expiação de Cristo será eficaz para alguém quando ela deixa de sê-lo para os outros por quem Ele também morreu.

[15] Ibid., 11:204 pp.

Se Owen e nossa Confissão estão corretos em tudo isso, se a doutrina da Trindade verdadeiramente é tão fundamental não só para a doutrina Cristã, mas também para a vida Cristã, então o que podemos, como pastores, fazer para ajudar as congregações que Deus confiou a nosso cuidado a compreenderem e apreciarem melhor esta gloriosa verdade? A seguir estão três sugestões simples e preliminares: cada leitor é convidado a fazer uma reflexão séria, em oração, e questionar a si mesmo.

1. Nós mesmos devemos desenvolver uma apreciação mais profunda e mais completa acerca da doutrina da Trindade.

Os aspectos da doutrina e da prática Cristã que recebem maior ênfase na vida de uma congregação são geralmente aqueles aspectos que recebem a maior atenção dentro do coração de seus pastores. O oposto também é verdadeiro: se um pastor negligencia uma faceta particular da verdade de Deus, esta negligência será geralmente espelhada em seu rebanho. Se for esse o caso, o que o nível de consciência Trinitária dentro de nossas igrejas diz ao nosso respeito? Nós nunca seremos capazes de comunicar de forma eficaz a vital importância doutrinal e pastoral da Trindade ao nosso povo até que nós mesmos desenvolvamos uma compreensão mais profunda e uma apreciação por ela.

Como podemos fazer isso? Bem, podemos começar por estuda-la. Aqui, os escritos da igreja do passado podem ser mais benéficos do que a maioria das obras mais modernas[16]. Comece com Owen. A grande contribuição da obra Comunhão com Deus de Owen é sua ênfase sobre as maneiras pelas quais nós apreciamos uma comunhão direta e distinta com cada uma das três Pessoas da Santíssima Trindade. No entanto, esta distinção não é uma divisão. Owen não é Triteísta, antes tem sempre o cuidado de nos lembrar que a comunhão com qualquer uma das três Pessoas Divinas é sempre a comunhão com o Deus único. Uma maior familiaridade com nossa Confissão é outra maneira útil para podemos fortalecer nosso Trinitarianismo. Nossa Confissão refere-se à Trindade com muito mais frequência do que se poderia pensar, e o faz em termos “práticos” muito concretos. Por exemplo, a nossa Confissão destaca para nós a natureza Trinitária da criação (4:1), do Pacto da Graça (7:2) e Pacto da Redenção (7:3), da encarnação e do ministério terreno de Cristo (8:1-3), do nosso chamado eficaz (10:1-2), da nossa justificação (11:4), da nossa adoção (12:1), da nossa santificação (13:3), da nossa fé (14:2), do nosso arrependimento (15:3, 5), da nossa perseverança (17:1-2), da nossa segurança (18:2), da nossa regeneração (20:4), da nossa adoração (22:2), da nossa oração (22:3), da reunião da igreja de Cristo (26:5), da nomeação de pastores (26:9), do Batismo (29:3), da Ceia do Senhor (30:7, entendendo “espiritual-

[16] Com notáveis exceções, como Robert Letham, The Holy Trinity: In Scripture, History, Theology, and Worship [A Santíssima Trindade: Na Escritura, História, Teologia e Adoração] (Phillipsburg, NJ: P&R, 2004).

Facebook.com/oEstandarteDeCristo | Facebook.com/ConfissaoFeBatista1689

mente" como significando "pelo Espírito"), da ressurreição final (31:3) e do Julgamento Final (32:1). Em cada uma dessas passagens (e em outras), a atividade conjunta, e, contudo, distinta das Divinas Pessoas da Trindade é mencionada explicitamente por nossa própria Confissão. Quantas vezes deixamos de pensar nessas verdades fundamentais de uma forma Trinitária? Talvez nós, como pastores poderíamos trabalhar mais para desenvolver o que Robert Letham chama de "uma mentalidade Trinitária"[17]. A menos que desenvolvamos esta mentalidade em nós mesmos, é duvidoso se o nosso povo algum vez desenvolverá.

2. Façamos um esforço consciente para tratarmos da Trindade em nossa pregação e ensino.

Nosso chamado como ministros da Nova Aliança é proclamar "todo o conselho de Deus". A doutrina da Trindade não somente faz parte de todo o conselho de Deus, se o que dissemos acima é verdadeiro, ela é fundamental para todas as outras partes também. Quantas vezes, então, a Trindade é mencionada em nosso ensino regular e pregação? Certamente todos nós devemos considerar a pregação e/ou o ensino diretamente sobre a doutrina da Trindade, mas isso seria somente um bom ponto de partida. Para citar Letham novamente: "Não devemos somente pregar sobre a Trindade, mas toda pregação deve ser moldada pelo reconhecimento ativo de que o Deus cuja Palavra é proclamada é Triuno"[18]. Por um lado, o próprio ato da pregação é Trinitário: Deus fala ao Seu povo através de Seu Filho, a Palavra encarnada, e pelo poder do Seu Espírito Santo. Cada Pessoa da Trindade está totalmente engajada e ativa sempre que a Palavra de Deus é proclamada fielmente por Seus mensageiros designados, e nós, como Seus mensageiros deveríamos sempre estar conscientes desta verdade gloriosa. Mas, por outro lado, toda a verdade que proclamamos a partir da Palavra é uma verdade Trinitária. Se tudo o que Deus faz por e dá ao Seu povo na salvação é do Pai, através do Filho e pelo Espírito, e se tudo o que o povo de Deus retorna a Ele é pelo Espírito Santo, por meio do Filho, e ao Pai, então não deve ser muito difícil encontrar uma oportunidade natural de fazer uma menção explícita da Trindade em cada sermão que pregamos — a não ser, é claro, que nossos sermões não digam nada sobre o que Deus nos tem dado ou sobre o que devemos dar de volta a Deus; nesse caso, para começar, eles nem merecem ser chamados de sermões!

3. Façamos um esforço consciente para sermos explicitamente Trinitários em nossa ado-ração corporativa.

Nas palavras antigas do Credo de Atanásio: "É necessário que quem quer que seja salvo,

---

[17] Ibid., 423.

[18] Ibid., 423.

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/oEstandarteDeCristo | Facebook.com/ConfissaoFeBatista1689

antes de todas as coisas, sustente a fé universal... E a fé universal é esta: Que nós adoramos um Deus na Trindade, e a Trindade na Unidade”[19]. Toda verdadeira adoração Cristã deve ser, e é, por definição Trinitária. Se Deus de fato é Triuno, então não podemos adorá-lO de qualquer outra forma que não como Triuno. Como A. W. Pink observou: “[O] verdadeiro Deus subsiste em três Pessoas co-essenciais e co-eternas, e, portanto, aquele que adora qualquer outro, senão o Deus Triuno está meramente prestando homenagem a um fruto de sua própria imaginação”[20]. Ou, nas famosas palavras de João Calvino, Deus exige “ser contemplado em três Pessoas distintas. Sem que compreendamos isso, o mero e vazio nome de Deus paira em nossos cérebros, excluindo o Deus real”[21]. No entanto, quão frequentemente nossa adoração poderia dar a aparência de ser direcionada a um genérico, não-Triuno (e, portanto, falso) deus? Quantas vezes nossa adoração poderia ser acusada de ser aparentemente grosseira e brandamente monoteísta? Talvez pudéssemos fazer a pergunta dessa forma: em quantos de nossos cultos de adoração um Unitário se sentiria perfeitamente confortável se estivesse em nosso meio? Quantos de nossos hinos ele poderia cantar? Para quantas de nossas orações que ele poderia responder com um caloroso “Amém”? Com certeza, a nossa adoração é sempre, no mínimo, implicitamente Trinitária, e entendemos todas as nossas referências a Deus como referentes ao Deus Triuno das Escrituras. Mas talvez pudéssemos fazer com que o nosso Trinitarianismo fosse um pouco mais explícito em nossa adoração, elevando-o ao nível de pensamento consciente de nossa congregação e não deixando que cada adorador defina que tipo de Deus ou deus, ele está adorando por sua própria conta.

O que isso se parece? Idealmente, isso significaria mais do que simplesmente a aderência em uma ocasião “Triuna” quando nos dirigimos a Deus em adoração. Uma simples forma de nos tornarmos mais do que tacitamente Trinitários em nossa adoração seria escolher hinos explicitamente Trinitários (dos quais o apropriadamente chamado Hinário Trinitário [Trinity Hymnal] contém mais do que a maioria dos outros hinários); outra forma seria chamar a atenção de nosso povo para o Trinitarianismo. Abençoe-os no final do culto com a grande bênção Trinitária que se encontra em 2 Coríntios 13:14. Extraia as implicações de um Batismo no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e das operações de cada Pessoa da Trindade no entendimento Reformado Confessional da Ceia do Senhor.

Mas além de tudo isso, devemos trabalhar para desenvolver uma concepção do que significa adorar cada Pessoa Divina distintamente. Aqui temos de ter cuidado para não escor-

---

[19] Como encontrado nos Credos em grego e latim com Traduções, vol. 2 of The Creeds of Christendom: With a History and Critical Notes [vol. 2 dos Credos da Cristandade: Com uma História e Notas Críticas], ed. Philip Schaff (1931; reimpressão, Grand Rapids: Baker, 2007), de 66 anos.

[20] Pink, Arthur W. (2012-06-18). Gleanings from Paul: His Prayer [Observações Selecionadas Sobre Paulo: A Sua Oração (Arthur Pink Collection) (Localizações Kindle 1795-1797). Prisbrary Publishing. Edição Kindle.

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Facebook.com/oEstandarteDeCristo | Facebook.com/ConfissaoFeBatista1689

regarmos para uma aparência de Triteismo: nossa adoração do Pai, do Filho e do Espírito pode ser distinta sem ser dividida. Letham está correto em observar: “Ninguém expressou isso melhor do que John Owen”[22]. Toda a obra de Owen sobre a Comunhão com Deus é dedicada a delinear as formas em que temos comunhão distinta com cada Pessoa Divina, as bênçãos distintas que cada uma nos concede e as maneiras distintas com as quais temos de responder a cada uma; no entanto, ele desenvolve estas distinções de uma forma que é fiel aos ditames do Trinitarianismo ortodoxo clássico. Ele sustenta tenazmente à noção Agostiniana de que as obras externas da Trindade não podem ser divididas, como se cada um fizesse a Sua própria obra independentemente dos outros. Em cada ato de Deus, o Pai trabalha através do Filho e pelo Espírito. E, no entanto, ele também está consciente da doutrina igualmente ortodoxa das apropriações, segundo a qual em cada uma dessas obras Trinitárias externas, cada Pessoa se apropria daquele aspecto que é mais adequado ao Seu relacionamento interno com as outras. Assim, é adequado atribuir a certos aspectos das ações conjuntas de Deus distinta e principalmente a uma ou outra das Pessoas Divinas. Estas distinções podem e, Owen diria, até mesmo devem ser refletidas em nossa adoração, especialmente em nossas orações quando dirigimos os nossos louvores e petições por várias bênçãos ao mais apropriado membro da Trindade[23]. Podemos fazer isso porque, como Owen escreve:

> A natureza Divina é a razão e causa de toda a adoração; de modo que é impossível adorar a qualquer Pessoa, e não adorar a *toda* a Trindade... O objeto próprio e peculiar do culto e invocação Divinos é a *essência de Deus*, na Sua infinita excelência, dignidade, majestade e sua causalidade, como a primeira causa soberana de todas as coisas. Agora, isso é comum a todas as três Pessoas, e é próprio de cada uma delas; não formalmente como Pessoa, mas como Deus bendito eternamente. Toda a adoração concerne àquilo que é comum a todas; de modo que em cada ato de adoração e culto, todas as Pessoas Divinas são adoradas e cultuadas[24].

Nós adoramos o Três em Um e o Um em Três. Quando nós dirigimos a nossa adoração a qualquer um dos Três distintos, nós a dirigimos ao uno Um, e vice-versa. Devemos sempre manter tanto a Trindade quanto a Unidade em mente: como o Pai grego Gregório de Nazianzo famosamente declarou: “Mal posso conceber o Uno mais do que estou iluminado pelo esplendor do Trino; e não posso distingui-lOs mais do que sendo levado de volta para o

---

[21] João Calvino, Institutas da Religião Cristã, vol. 1, ed. John T. McNeill, trad. Ford Lewis Battles (Louisville: Westminster John Knox, 1960), 122 (I.xiii.2).

[22] Letham, 419.

[23] Para um excelente modelo deste tipo de oração, consulte “The Trinity” [A Trindade] em The Valley of Vision [O Vale da Visão], ed. Arthur Bennett (Carlisle: Banner of Truth, 1975), 2-3.

[24] Works [Obras], 2: 268-69 (ênfase original).

OEstandarteDeCristo.com
Issuu.com/oEstandarteDeCristo

Uno”[25]. Ou, nas palavras da nossa confissão: “O culto religioso deve ser dado a Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo” — o distinto Trino — “e somente a Ele” — o uno Um (CFB 22:2).

Conclusão

A Trindade é uma imensa e misteriosa verdade, mas mesmo em seu mistério ela atrai a nossa adoração. Para citar Pink mais uma vez:

> As verdades da Unicidade e ainda da Trindade de Deus estão igualmente acima da razão, e os verdadeiros Cristãos não tentam imaginá-las; mas a sua incompreensibilidade longe de uma objeção, é antes uma condição necessária de confiança na revelação e fé nAquele que é revelado. Se a Bíblia não apresentasse alturas além dos poderes da escala da razão, se ela não contivesse profundezas insondáveis mesmo para as mais profundas perspicácias mentais, este escritor seria um que a teria descartado como sendo nada mais do que uma produção humana e uma impostura. De nossa parte, não mais adoraríamos um “deus” que pudéssemos medir pelo nosso intelecto do que honrar uma imagem fabricada por nossas mãos.

Sempre que tentarmos discutir a revelação que Deus fez de Suas três Pessoas devemos fazê-lo com a cabeça baixa e os corações reverentes, pois o chão em que pisamos é inefavelmente santo[26].

Precisamos sustentar estas verdades gloriosas consistentemente perante as congregações que Deus nos chamou para servir, porque a nossa Confissão está correta: a “doutrina da Trindade é o fundamento de toda a nossa comunhão com Deus, e confortável dependência dEle”.

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

---

[25] Cirilo de Jerusalém, Gregório Nazianzeno, vol. 7 of Nicene and Post-Nicene Fathers [Pais Nicenos e Pós-Nicenos]: Segunda Série, ed. Philip Schaff e Henry Wace (1894; reimpressão, Peabody, MA: Hendrickson, 2004), 375 (Oration XL.xli).
[26] Pink, (Localizações Kindle 1820-1825).

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no T empo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! – C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbítrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone

2 Coríntios 4

[1] Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
[2] Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. [3] Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. [4] Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. [5] Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. [6] Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. [7] Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. [8] Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. [9] Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; [10] Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; [11] E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. [12] De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. [13] E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. [14] Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. [15] Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. [16] Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. [17] Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; [18] Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.